

UNIVERSIDADE POLITÉCNICA-A POLITÉCNICA

Instituto Superior de Humanidades Ciências e Tecnologias- ISHCT

Psicologia Clínica e do Aconselhamento

A Influência da Socialização no Bem-Estar de Crianças Órfãs (5-17 anos de idade) no Centro de Apoio Casa Família (2023-2024) – Cidade de Quelimane, Província da Zambézia.

Anastácia Teixeira Militar

Quelimane

2024

Anastácia Teixeira Militar

A Influência da Socialização no Bem-Estar de Crianças Órfãs (5-17 anos de idade) no Centro de Apoio Casa Família (2023-2024) – Cidade de Quelimane, Província da Zambézia.

Monografia apresentada ao Instituto Superior de Humanidades Ciências e Tecnologias como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento.

Tutor: Lic. Inácio Jorge Amaral

Quelimane

2024

Folha de Aprovacao

Dedico aos meus pais, pelo amor incondicional, apoio constante e por acreditarem no meu potencial mesmo nos momentos mais difíceis. Aos meus irmãos e familiares, pelo incentivo, compreensão e palavras de encorajamento ao longo deste percurso. Às crianças órfãs do Centro de Apoio Casa Família, que, mesmo diante de tantas adversidades, demonstram força, esperança e capacidade de sonhar. São elas a verdadeira inspiração desta pesquisa. ,aos docentes e colegas, pela partilha de conhecimentos, pelas trocas enriquecedoras e pelo companheirismo durante a formação.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me ter concedido força, saúde e sabedoria ao longo deste percurso académico. Ao meu supervisor, docente Inácio Jorge Amaral , expresse profunda gratidão pela orientação, paciência e apoio contínuo durante o desenvolvimento deste trabalho. Sua dedicação foi essencial para a concretização deste estudo. Ao Instituto Superior Humanidade, Ciências e Tecnologias (ISHCT) e a todos os docentes que contribuíram para minha formação, o meu sincero reconhecimento. Agradeço ao Centro de Apoio Casa Família, em Quelimane, pela abertura e colaboração, bem como às crianças participantes, que tornaram esta investigação possível. Por fim, agradeço à minha família, pelo amor, incentivo e apoio incondicional em cada etapa desta jornada.

A todos, o meu muito obrigada!

Parecer do supervisor

À Direcção Científica do ISHCT

Eu, Inácio Jorge Amaral, Supervisor(a) da estudante Anastácia Tixeira Militar, finalista do 4º ano do curso de Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento no Instituto Superior Humanidade, Ciências e Tecnologias (ISHCT), venho por este meio confirmar que o presente Trabalho de Fim de Curso, subordinado ao tema:

" A Influência da Socialização no Bem-Estar de Crianças Órfãs (5-17 anos de idade) no Centro de Apoio Casa Família (2023-2024) – Cidade de Quelimane, Província da Zambézia.",

reúne os requisitos mínimos exigidos, tendo obedecido às normas de estruturação e elaboração de trabalhos científicos, estando, portanto, apto para apresentação e discussão em ambiente académico. Assim sendo, aprovo e recomendo que este Trabalho de Fim de Curso seja submetido à Direcção Científica do Instituto Superior Humanidade, Ciências e Tecnologias (ISHCT), para efeitos de obtenção do Grau de Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento.

Sem mais de momento, apresento cordiais saudações.

Quelimane, aos ____ de Junho de 2025

Inácio Jorge Amaral

Resumo

Esta pesquisa centrou-se em analisar a influência das interações sociais no bem-estar subjetivo de crianças órfãs acolhidas no Centro de Apoio Casa Família, localizado na cidade de Quelimane, província da Zambézia, Moçambique. Considerando que o bem-estar subjetivo envolve vários aspectos emocionais, cognitivos e relacionais da experiência humana, buscou-se compreender de que maneira as relações sociais estabelecidas no ambiente institucional contribuem para a construção da saúde emocional e do sentimento de pertencimento dessas crianças. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória. Participaram do estudo 10 crianças com idades entre 5 e 17 anos, residentes no centro, quanto a critério de amostragem é não probabilística selecionadas de forma intencional. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participante, com o apoio de um roteiro guiado por categorias como convivência, afeto, apoio emocional e sentimento de pertencimento. As informações coletadas foram tratadas com base na análise de conteúdo temática, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. Os resultados revelaram que as interações sociais positivas dentro do ambiente institucional especialmente com cuidadores, colegas e voluntários exercem papel fundamental na construção do bem-estar subjetivo das crianças. Relações marcadas por empatia, escuta, apoio emocional e estabilidade afetiva favoreceram o desenvolvimento de sentimentos como segurança, alegria, confiança e autoestima. Por outro lado, situações de conflitos interpessoais, rotatividade de cuidadores e ausência de vínculos afetivos consistentes foram apontadas como fatores que impactam negativamente a percepção de bem-estar. Conclui-se que, embora o contexto institucional traga limitações naturais em relação à convivência familiar tradicional, a promoção de interações sociais saudáveis, mediadas por vínculos afetivos significativos, representa uma via essencial para o fortalecimento psicológico das crianças. A presença de figuras de referência afetiva estáveis e sensíveis às necessidades emocionais dos menores se mostrou um fator protetivo importante. Dessa forma, recomenda-se o fortalecimento das estratégias de capacitação contínua dos cuidadores, bem como a implementação de programas de apoio psicossocial no ambiente institucional, a fim de promover uma convivência mais afetiva e humanizada.

Palavras Chaves: Bem-estar subjetivo; Interações sociais; Crianças órfãs; Institucionalização; Apoio psicossocial.

Abstract

This research focused on analyzing the influence of social interactions on the subjective well-being of orphaned children housed at the Casa Família Support Center, located in the city of Quelimane, Zambézia Province, Mozambique. Considering that subjective well-being encompasses various emotional, cognitive, and relational aspects of human experience, the study aimed to understand how the social relationships established within the institutional environment contribute to the development of emotional health and a sense of belonging among these children. The research adopts a qualitative approach, with a descriptive and exploratory nature. The study involved 10 children aged between 5 and 17 years, all residents of the center. The sampling was non-probabilistic and intentionally selected. Data collection was carried out through semi-structured interviews and participant observation, guided by a script based on categories such as coexistence, affection, emotional support, and sense of belonging. The collected data were analyzed using thematic content analysis, respecting the ethical principles of research involving human subjects. The results revealed that positive social interactions within the institutional environment especially with caregivers, peers, and volunteers play a fundamental role in the construction of the children's subjective well-being. Relationships characterized by empathy, attentive listening, emotional support, and affective stability favored the development of feelings such as security, joy, trust, and self-esteem. On the other hand, situations involving interpersonal conflict, frequent caregiver turnover, and the absence of consistent emotional bonds were identified as factors that negatively impact the perception of well-being. It is concluded that, although the institutional context naturally imposes limitations compared to traditional family living, the promotion of healthy social interactions, mediated by meaningful emotional bonds, is essential for strengthening the psychological well-being of children. The presence of stable emotional reference figures who are sensitive to the emotional needs of the children proved to be an important protective factor. Therefore, it is recommended to strengthen continuous training strategies for caregivers, as well as to implement psychosocial support programs within the institutional setting, in order to promote more affective and humanized coexistence.

Keywords: Subjective well-being; Social interactions; Orphaned children; Institutionalization; Psychosocial support.

Sumário

| | |
|--|----|
| Capítulo I..... | 14 |
| Introdução..... | 14 |
| II. Capítulo | 16 |
| 2..Fundamentação Teórica | 16 |
| 2.0. Marco Conceptual | 16 |
| 2.0.1. Conceito de criança..... | 16 |
| 2.0.2. Socialização..... | 16 |
| 2.0.3. Processos de Socialização em Ambientes Institucionais | 17 |
| 2.0.4. Desenvolvimento Circunstancial..... | 18 |
| 2.0.5. Impacto da Socialização no Desenvolvimento InfantilTop of Form | 18 |
| 2.0.6. Efeitos da Socialização na Formação da Identidade | 18 |
| 2.0.7. Bem-Estar em Crianças Órfãs | 19 |
| 2.0.8. Marco Teórico ou Fundamentação Teórica | 20 |
| 2.0.9. Fatores de Risco para o Bem-Estar Emocional em Crianças Órfãs | 20 |
| 2.1.0. Estratégias de Promoção do Bem-Estar em Contextos de Cuidado Institucional..... | 21 |
| 2.1.1. Função e Objetivos dos Centros de Apoio | 22 |
| 2.1.2. Papel dos Centros de Apoio na Sociedade:..... | 22 |
| 2.1.3. Marco Referencial | 22 |
| III. Capítulo | 24 |
| 3.0. Metodologia | 24 |
| 3.1. Tipo de Investigação | 24 |
| 3.2. Participantes/ Amostra | 25 |
| 3.3. Amostra | 25 |
| 3.4. Critérios de Inclusão e Critérios de Exclusão | 25 |

| | |
|---|----|
| 3.5. Instrumentos de recolha de dados | 26 |
| 3.6. Técnicas de Análise de Dados..... | 26 |
| 3.7. Procedimentos Técnicos..... | 27 |
| 3.8. Procedimentos éticos de Pesquisa..... | 27 |
| IV. Capítulo..... | 29 |
| 4.0.Resultados Apresentação , Leitura e Interpretação dos dados Recolhidos..... | 29 |
| 4.1. Dados Socio-demográficos: | 29 |
| V. Capítulo | 39 |
| 5.1. Discussão dos Resultados..... | 39 |
| VI Capítulo..... | 51 |
| 6.0. Conclusão..... | 51 |
| Referências Bibliográficas | 53 |
| Apêndices | 56 |
| Anexos..... | 61 |

Lista de Siglas abreviaturas simblos

| | |
|----------------|---|
| HIV | Vírus de Imunodeficiência Humana |
| P1 | Participante 1 |
| R | Resposta |
| UNICEF | Fundo das Nações Unidas para a Infância |
| 1 ^a | Primeira Classe |

“Toda criança precisa de alguém que a veja com o coração, que a escute com atenção e que a ajude a descobrir que ela é importante para o mundo.”

Célia Cristina da Silva

Capítulo I

1. Introdução

A socialização e o bem-estar emocional são elementos essenciais no desenvolvimento saudável de crianças órfãs, especialmente aquelas que residem em centros de apoio, como a Casa Família em Quelimane, Zambézia. Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar a relação entre socialização e bem-estar em crianças órfãs nesse contexto específico, visando entender como as interações sociais influenciam seu bem-estar emocional.

Crianças órfãs frequentemente enfrentam desafios únicos relacionados à perda dos pais e à adaptação a novos ambientes. Em centros de apoio, como a Casa Família em Quelimane, essas crianças podem encontrar um ambiente seguro e acolhedor, mas ainda assim enfrentam dificuldades em estabelecer vínculos sociais significativos e satisfatórios. A socialização desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional e psicossocial dessas crianças, influenciando diretamente seu bem-estar e qualidade de vida.

A compreensão da relação entre socialização e bem-estar em crianças órfãs é de suma importância para informar práticas de cuidado e intervenções eficazes em centros de apoio. Promover oportunidades adequadas de interação social e apoio emocional pode ajudar a mitigar os efeitos negativos do trauma da perda dos pais e facilitar o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais saudáveis.

Problema de Investigação

Crianças órfãs enfrentam desafios únicos em termos de socialização e bem-estar devido à perda de pais ou cuidadores primários. Em centros de apoio, como a Casa Família em Quelimane, Zambézia, é fundamental entender como essas crianças órfãs estão sendo socializadas e como seu bem-estar é afetado nesse ambiente.

Crianças órfãs muitas vezes enfrentam dificuldades emocionais e psicossociais decorrentes da perda dos pais e da transição para ambientes de cuidado alternativos. No contexto da Casa Família em Quelimane, durante o período de estudo, podem existir tendências específicas

relacionadas aos métodos de socialização implementados e seu impacto no bem-estar das crianças órfãs.

A dificuldade específica a ser abordada é compreender como a socialização ocorre e como ela influencia o bem-estar das crianças órfãs na Casa Família, em Quelimane, Zambézia. Isso inclui examinar os métodos de socialização utilizados, as relações interpessoais desenvolvidas e o suporte emocional oferecido, bem como identificar áreas de melhoria para promover um ambiente mais saudável e acolhedor para essas crianças.

"De que maneira os métodos de socialização implementados influenciam as relações interpessoais e o suporte emocional oferecido às crianças órfãs na Casa Família, em Quelimane, Zambézia??"

Quanto aos objectivos , objetivo geral é de analisar o bem-estar subjetivo e as interações sociais de crianças órfãs residentes no centro de apoio casa família em Quelimane, Zambezia e no que refere aos específicos identificar o ambiente de socialização proporcionado pela casa família e seu impacto no desenvolvimento emocional e psicossocial dessas crianças órfãs; identificar sentimentos predominantes relacionados à vivência na instituição, como tristeza, acolhimento, segurança ou insegurança e avaliar o nível de bem-estar subjetivo das crianças órfãs a partir de suas percepções sobre felicidade, satisfação pessoal e sentimentos de solidão.

No que diz respeito as perguntas de investigação e hipóteses Como o ambiente de socialização proporcionado pela Casa Família influencia o desenvolvimento emocional e psicossocial das crianças órfãs; Qual é a qualidade das interações sociais entre as crianças órfãs, os cuidadores e outros membros da comunidade dentro do ambiente da Casa Família, e como essas interações influenciam o suporte emocional e o desenvolvimento das crianças? Qual é o nível de satisfação das crianças órfãs com as atividades de socialização oferecidas pela Casa Família e como essa satisfação se relaciona com o seu bem-estar emocional e social

Hipótese 1: O ambiente de socialização proporcionado pela Casa Família tem uma influência positiva no desenvolvimento emocional e psicossocial das crianças órfãs, promovendo maior bem-estar emocional e melhores habilidades sociais.

Hipótese 2: As interações sociais entre as crianças órfãs, os cuidadores e outros membros da comunidade dentro do ambiente da Casa Família são de boa qualidade, contribuindo para um suporte emocional eficaz e para o desenvolvimento saudável das crianças.

A motivação para esta pesquisa surge da observação direta dos desafios enfrentados pelas crianças órfãs no centro de apoio casa família em Quelimane, Zambézia. Essas crianças, vivendo em um ambiente institucionalizado após a perda dos pais, enfrentam dificuldades únicas que podem afetar seu desenvolvimento emocional e social. Dessa observação, identifica-se a necessidade de explorar como os métodos de socialização no centro influenciam o bem-estar dessas crianças. A questão central a ser investigada é: "Como a socialização afeta o bem-estar das crianças órfãs na Casa Família, em Quelimane, Zambézia, e de que maneira os métodos de socialização implementados influenciam as relações interpessoais e o suporte emocional oferecido a essas crianças?"

Essa pesquisa pode fornecer visões perspicazes valiosas sobre como fortalecer as práticas de socialização, promovendo atividades sociais que incentivem o desenvolvimento de vínculos afetivos com os cuidadores e a criação de um ambiente que apoie o desenvolvimento integral das crianças.

Este estudo pode contribuir tanto teoricamente quanto na prática para o campo do cuidado infantil em contextos institucionais. Teoricamente, fornecerá uma compreensão mais profunda dos mecanismos de socialização e sua influência no bem-estar das crianças órfãs. Na prática, as descobertas deste estudo podem informar a implementação de intervenções específicas para melhorar a qualidade da socialização e do apoio emocional oferecido na casa família. Isso pode incluir a promoção de atividades sociais, a formação de vínculos afetivos com cuidadores e a criação de um ambiente acolhedor e estimulante que promova o desenvolvimento integral das crianças.

Estuturação do trabalho (I) Introdução, Problemas de investigação, Objectivos ,Justificações,(II) capítulo Revisão de literatura.(III) Capítulo Metodologia,(IV) Capitulo Resultados (V) Capitulo Discussão, (VI) Capítulo Conclusão.

II. Capítulo

2. Fundamentação Teórica

2.0.Marco Conceptual

2.0.1. Conceito de criança

A criança é definida como um ser humano com menos de 18 anos, conforme a Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), sendo reconhecida como sujeito de direitos e necessitando de proteção e cuidado.

Segundo Jean Piaget (1975), a criança passa por estágios de desenvolvimento cognitivo e emocional, moldando a sua percepção do mundo. Lev Vygotsky (2001) enfatiza que o desenvolvimento infantil ocorre através da interação social, onde a criança aprende e internaliza significados culturais.

Em contextos de vulnerabilidade, como no caso de crianças órfãs, a socialização e o apoio social tornam-se fundamentais para o seu bem-estar e desenvolvimento.

2.0.2. Socialização

Peter L. Berger e Thomas Luckman (2006), em sua obra, “A Construção Social da Realidade”, defenderam o processo de socialização como algo existente desde os primórdios da evolução humana, sendo essencial para a construção das sociedades em diferentes âmbitos do mundo. A definição literal de socialização é entendida como coletividade, como ato ou o efeito de socializar, enquanto na sociologia ela é vista como um processo pelo qual o indivíduo é biologicamente integrado numa sociedade.

De acordo com os mesmos autores, um ser humano não se insere em uma sociedade de fato, caso esteja sozinho. A ideia de que ele se torne um homem estando isolado é utópica. A construção de uma sociedade provém da relação entre um grupo de indivíduos, ou seja, o processo de socialização se inicia quando uma comunidade interage entre si, criando hábitos, costumes e, por fim, regras a serem seguidas.

O sociólogo francês Durkheim (2011:21), defende a educação como socialização da jovem geração pela geração adulta, confirmando assim que esse processo dita as relações sociais que serão estabelecidas pelos indivíduos até certa fase da vida. Depois que o ser humano atinge

certa idade, ele aprende a sair da bolha de seu grupo social, conhecendo assim a existência de outros mundos. Mesmo sofrendo influência de seu grupo, não é somente um grupo social que fornece informações a esse indivíduo, mas todos os outros grupos existentes ao seu redor. É como se a visão de mundo fosse expandida e em uma espécie de epifania ele fosse capaz de definir o próprio caminho, oferecendo assim, a capacidade de ter autonomia.

2.0.3. Processos de Socialização em Ambientes Institucionais

Os processos de socialização em ambientes institucionais são complexos e influenciam significativamente o desenvolvimento psicossocial das crianças órfãs. De acordo com a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (1979), o ambiente imediato, como os centros de apoio, desempenha um papel central na vida das crianças, influenciando suas interações sociais e seu desenvolvimento global.

Em um estudo longitudinal sobre crianças em instituições, Nelson et al. (2007) destacam que a socialização em ambientes institucionais envolve não apenas a interação com os cuidadores, mas também com os pares e outros adultos presentes no ambiente. Essas interações proporcionam oportunidades para as crianças aprenderem habilidades sociais, desenvolverem sua identidade e estabelecerem conexões emocionais significativas.

No entanto, é importante reconhecer os desafios associados à socialização em ambientes institucionais. A rotatividade de cuidadores e a falta de continuidade nos relacionamentos podem prejudicar o desenvolvimento de vínculos seguros e estáveis,

Conforme observado por Smyke et al. (2002) em seu estudo sobre crianças institucionalizadas. Além disso, a superlotação e a falta de recursos podem limitar as oportunidades de interação social e afetar negativamente o bem-estar das crianças (Johnson et al., 2010).

Para promover uma socialização saudável em ambientes institucionais, intervenções centradas na qualidade das interações entre cuidadores e crianças são essenciais. Pesquisas mostram que cuidadores sensíveis e responsivos desempenham um papel fundamental no apoio ao desenvolvimento socioemocional das crianças órfãs (Zeanah et al., 2005). Estratégias que visam melhorar a qualidade dos cuidados e promover um ambiente acolhedor e seguro podem contribuir significativamente para o bem-estar das crianças em centros de apoio.

2.0.4. Desenvolvimento Circunstancial

2.0.5. Impacto da Socialização no Desenvolvimento Infantil

O impacto da socialização no desenvolvimento infantil transcende simplesmente as interações superficiais e permeia todas as esferas do crescimento emocional, cognitivo e social das crianças. De acordo com Bowlby (1969), pioneiro na teoria do apego, as primeiras interações sociais de uma criança, especialmente com seus cuidadores primários, estabelecem as bases para o desenvolvimento emocional futuro. Esse vínculo afetivo inicial é essencial para promover um senso de segurança e confiança nas relações interpessoais ao longo da vida.

Piaget (1932), em suas teorias sobre o desenvolvimento cognitivo, enfatizou a importância das interações sociais no processo de aprendizagem das crianças. Para ele, as trocas sociais desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades intelectuais.

Da mesma forma, Vygotsky (1978) introduziu o conceito de zona de desenvolvimento proximal, enfatizando como as interações com outros membros mais experientes da sociedade impulsionam o desenvolvimento das crianças além de seus limites individuais.

A qualidade das interações sociais durante a infância tem um impacto significativo no bem-estar emocional das crianças. Estudos sobre apego, como os realizados por Ainsworth et al. (1978), demonstraram que relações positivas e seguras com cuidadores promovem um desenvolvimento socioemocional saudável e a capacidade de formar relacionamentos seguros na vida adulta.

2.0.6. Efeitos da Socialização na Formação da Identidade

Os efeitos da socialização na formação da identidade são profundos e multifacetados, influenciando a autopercepção, os valores pessoais e a conexão com a comunidade. (Erikson 1950:121), em sua teoria do desenvolvimento psicossocial, enfatizou a importância das interações sociais na resolução de crises de identidade ao longo da vida. De acordo com ele, as experiências sociais durante a infância e a adolescência desempenham um papel fundamental na formação de uma identidade coesa e estável.

A teoria do apego, desenvolvida por Bowlby (1969), sugere que os primeiros relacionamentos afetivos de uma criança, especialmente com seus cuidadores primários, influenciam diretamente a forma como ela se percebe e se relaciona com os outros. Uma base segura de apego promove uma sensação de segurança e autoestima, enquanto um apego inseguro pode levar a dificuldades na formação da identidade e nos relacionamentos interpessoais.

A socialização também desempenha um papel crucial na internalização de normas sociais e culturais, que por sua vez moldam a identidade de uma pessoa. Mead (1934) argumentou que o self é construído por meio da interação com os outros e da internalização de papéis sociais. Assim, as experiências sociais durante a infância e a adolescência influenciam diretamente a forma como uma pessoa se vê e se relaciona com o mundo ao seu redor.

Portanto, compreender os efeitos da socialização na formação da identidade é essencial para entender o desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes. Ao reconhecer a influência das interações sociais na autopercepção e na identidade, podemos implementar estratégias de intervenção que promovam uma identidade saudável e um senso de pertencimento em todas as fases da vida.

2.0.7. Bem-Estar em Crianças Órfãs

O bem-estar em crianças órfãs é uma preocupação complexa que requer uma compreensão aprofundada dos desafios emocionais, sociais e psicológicos que essas crianças enfrentam. Como destacado por Bowlby (1988), a perda dos pais pode desencadear uma série de reações emocionais, incluindo tristeza, raiva e ansiedade de separação. Além disso, a falta de uma figura de apego primário pode afetar negativamente o desenvolvimento socioemocional da criança, tornando-a mais vulnerável a problemas de saúde mental e dificuldades de ajuste social.

Pesquisas sobre crianças órfãs em contextos institucionais, como as realizadas por Zeanah et al. (2005), identificaram uma série de desafios específicos enfrentados por essas crianças, incluindo a falta de estabilidade emocional, a falta de apoio afetivo consistente e a exposição a experiências traumáticas. Além disso, crianças órfãs podem enfrentar estigmatização e

discriminação na sociedade, o que pode impactar negativamente sua autoestima e bem-estar emocional (Nelson et al., 2007).

2.0.8. Marco Teórico ou Fundamentação Teórica

2.0.9. Fatores de Risco para o Bem-Estar Emocional em Crianças Órfãs

As crianças órfãs enfrentam uma série de desafios emocionais e psicológicos decorrentes da perda dos pais, que podem impactar significativamente seu bem-estar emocional e psicológico. A teoria do apego, desenvolvida por Bowlby (1988), destaca a importância das figuras de apego primário na formação de um vínculo seguro e na promoção do desenvolvimento emocional saudável em crianças. A perda dessas figuras de apego pode desencadear uma variedade de reações emocionais, incluindo tristeza, raiva, ansiedade e depressão. As crianças órfãs enfrentam não apenas o luto pela perda de seus entes queridos, mas também a incerteza sobre seu futuro e sua segurança emocional.

Por sua vez, Warneken e Tomasello (2007), citados por Arezes e Colaço (2014), Além da perda dos pais, as crianças órfãs muitas vezes são expostas a condições de vida instáveis e a experiências traumáticas. A mudança frequente de cuidadores e ambientes pode gerar insegurança emocional e dificuldade em estabelecer relações de confiança e apego. Estudos mostram que a instabilidade nos cuidados pode aumentar o risco de problemas emocionais e comportamentais em crianças órfãs, comprometendo seu desenvolvimento socioemocional e psicológico.

A exposição a abuso, negligência e violência é outro fator de risco significativo para crianças órfãs. A ausência de uma rede de apoio familiar pode deixá-las vulneráveis a situações de exploração e abuso por parte de cuidadores ou membros da comunidade. Essas experiências traumáticas podem ter um impacto profundo na saúde mental das crianças, causando sintomas de estresse pós-traumático, ansiedade e depressão.

Por sua vez, Warneken e Tomasello (2007), citados por Arezes e Colaço (2014), diante desses desafios, é crucial implementar intervenções sensíveis às necessidades das crianças órfãs, que abordem não apenas seus sintomas emocionais e comportamentais, mas também os fatores estruturais e sociais que contribuem para sua vulnerabilidade. Essas intervenções devem fornecer apoio emocional, terapia especializada e acesso a recursos e serviços essenciais para ajudar as crianças órfãs a superarem o trauma, fortalecer sua resiliência e reconstruir suas vidas de maneira saudável e significativa.

2.1.0. Estratégias de Promoção do Bem-Estar em Contextos de Cuidado

Institucional

As estratégias são (Vitto & Feres, 2005; citados por Mesquita, 2015):

- ✓ **Promover Relacionamentos Afetivos:** Implementar programas que incentivem a formação de vínculos seguros entre as crianças e os cuidadores é crucial. Como destacado por Bowlby (1969), relações afetivas consistentes e de apoio desempenham um papel fundamental no desenvolvimento emocional saudável das crianças.
- ✓ **Ambientes de Apoio:** Criar um ambiente acolhedor e seguro que promova o senso de pertencimento e segurança das crianças é essencial. Pesquisas de Nelson et al. (2007) sugerem que um ambiente institucional positivo pode atenuar os efeitos negativos da institucionalização nas crianças órfãs.
- ✓ **Intervenções Psicossociais:** Oferecer apoio psicossocial individualizado, como aconselhamento e terapia, pode ajudar as crianças a processar suas emoções e desenvolver habilidades de enfrentamento. Smyke et al. (2002) destacam a importância de intervenções sensíveis que abordem as necessidades emocionais específicas das crianças órfãs.
- ✓ **Programas de Educação e Capacitação:** Fornecer oportunidades de educação e capacitação que promovam o desenvolvimento de habilidades e competências pode aumentar a autoestima e a autoeficácia das crianças órfãs. Esses programas podem incluir treinamento profissional, educação formal e atividades extracurriculares (Pianta et al., 2009).
- ✓ **Rede de Apoio Social:** Estabelecer uma rede de apoio social composta por cuidadores, professores, mentores e outros adultos significativos pode proporcionar um sistema de suporte emocional e prático para as crianças órfãs. O apoio social é fundamental para promover o bem-estar emocional e o senso de pertencimento das crianças (Nelson et al., 2007).

Ao implementar essas estratégias de promoção do bem-estar em contextos de cuidado institucional, é possível criar um ambiente que apoie o crescimento emocional, social e

psicológico das crianças órfãs, proporcionando-lhes as ferramentas e o suporte necessários para prosperar e alcançar seu potencial máximo.

2.1.1. Função e Objetivos dos Centros de Apoio

2.1.2. Papel dos Centros de Apoio na Sociedade:

Terpstra e Tamura (2008), citados por IRIS (2006), os centros de apoio desempenham um papel crucial na sociedade ao oferecerem suporte e assistência a grupos vulneráveis e indivíduos em situações de necessidade. Seu papel abrange várias áreas, incluindo:

- ✓ **Fornecer Ajuda e Assistência:** Os centros de apoio oferecem assistência prática e emocional a pessoas em situações de vulnerabilidade, como crianças órfãs, vítimas de abuso, pessoas sem-teto, entre outros. Eles podem fornecer abrigo, alimentos, roupas, aconselhamento e outros serviços essenciais para ajudar essas pessoas a superar suas dificuldades.
- ✓ **Promover a Inclusão Social:** Os centros de apoio trabalham para promover a inclusão social e combater a discriminação, oferecendo um ambiente acolhedor e inclusivo para todos. Eles buscam criar oportunidades para que as pessoas participem plenamente da sociedade, independentemente de sua origem, status socioeconômico ou outras características.
- ✓ **Advogar por Mudanças Sociais:** Além de fornecer assistência direta, os centros de apoio também desempenham um papel importante ao advogar por mudanças sociais e políticas que beneficiem os grupos vulneráveis. Eles podem fazer lobby por políticas públicas mais inclusivas, campanhas de conscientização e programas de prevenção para abordar questões sociais urgentes.
- ✓ **Oferecer Recursos e Educação:** Os centros de apoio oferecem recursos educacionais e informativos para capacitar as pessoas a enfrentarem seus desafios de forma mais eficaz. Isso pode incluir workshops, palestras, materiais educativos e treinamento em habilidades práticas para promover o autossuficiência e a resiliência.

2.1.3. Marco Referencial

Quanto a esta pesquisa fundamenta-se em teorias e estudos sobre o bem-estar subjetivo infantil, os processos de socialização e as particularidades do desenvolvimento psíquico e social de

crianças em situação de orfandade institucionalizada. A socialização, enquanto processo pelo qual os indivíduos internalizam normas, valores e comportamentos da sociedade, tem sido amplamente debatida nas ciências sociais e psicológicas.

Como referem (Berger e Luckmann 2004:12) destacam que a socialização primária, ocorrida nos primeiros anos de vida, é essencial para a formação da identidade, enquanto a socialização secundária continua esse processo ao longo da vida por meio de instituições como a escola e, no caso das crianças órfãs, instituições de acolhimento.

No contexto das crianças institucionalizadas, estudos demonstram que a ausência de vínculos afetivos familiares pode comprometer o desenvolvimento emocional e social (Bowlby 1982; Rutter 1995:90). A Teoria do Apego, formulada por Bowlby (1982), sugere que o vínculo afetivo estável com uma figura cuidadora é crucial para a formação da segurança emocional da criança. Em contrapartida, ambientes institucionais com alta rotatividade de cuidadores e poucos estímulos afetivos tendem a dificultar a formação desses vínculos.

Em Moçambique, e particularmente na Província da Zambézia, a orfandade infantil é um fenômeno acentuado por fatores como o HIV/SIDA, a pobreza extrema e os conflitos familiares. Instituições como o Centro de Apoio Casa Família . Para UNICEF (2022:76),

Desempenham um papel crucial no acolhimento e na tentativa de proporcionar condições dignas de vida, educação e desenvolvimento afetivo e social. Para UNICEF (2022:76), as estratégias de cuidado alternativo devem promover a integração social, o acesso à educação e a construção de vínculos significativos com adultos e pares.

O bem-estar infantil, por sua vez, é um conceito multifacetado que abrange dimensões físicas, psicológicas, emocionais e sociais. (Diener et al. 1999:06) definem o bem-estar subjetivo como a avaliação que o indivíduo faz da sua própria vida, incluindo sentimentos de satisfação, alegria e ausência de sofrimento. Em crianças, esse bem-estar está fortemente associado à qualidade das relações interpessoais, ao sentimento de pertencimento e à segurança afetiva (Huebner 2004).

Portanto, compreender a influência da socialização no bem-estar de crianças órfãs exige uma análise integrada das condições institucionais de acolhimento, das práticas de interação social promovidas nesses contextos e dos mecanismos de resiliência desenvolvidos pelas próprias crianças.

Este marco teórico visa, assim, estabelecer a base conceitual para a análise das experiências vividas pelas crianças órfãs no Centro de Apoio Casa Família, considerando o período de 2023 a 2024, na cidade de Quelimane.

III. Capítulo

Metodologia

Nesta seção, detalharemos a metodologia utilizada para investigar A Influência da Socialização no Bem-Estar de Crianças Órfãs (5-17 anos de idade) no Centro de Apoio Casa Família (2023-2024) – Cidade de Quelimane, Província da Zambézia.

3.1. Tipo de Investigação

Quanto à Natureza da Pesquisa: A pesquisa é aplicada pois busca entender, resolver ou aplicar conhecimento a um problema específico da realidade, com o objetivo de gerar soluções práticas. É descritiva porque visa fornecer uma descrição detalhada das práticas de socialização e seu efeito nas crianças. (Giorotto et al, 2013:125)

Quanto à Abordagem: A pesquisa adotará uma abordagem mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos. Os métodos quantitativos serão usados para obter dados numéricos sobre variáveis específicas relacionadas ao bem-estar das crianças, enquanto os métodos qualitativos fornecerão uma compreensão mais profunda das experiências individuais e percepções sobre a socialização e o suporte emocional. (Silva e Menezes 2001:110).

Quanto aos Objetivos: A pesquisa é exploratória ao investigar novas áreas relacionadas à socialização das crianças órfãs e explicativa ao procurar entender as razões e mecanismos pelos quais os métodos de socialização influenciam o bem-estar emocional e social. Silva e (Menezes, 2001:110)

Quanto aos Procedimentos: Para Lüdke e André (1999:121), Trata-se de um estudo de caso. Esse tipo de estudo é adequado quando o foco da pesquisa está em entender profundamente um contexto específico, único ou limitado a um grupo particular, como é o caso do Centro de Apoio Casa Família em Quelimane, Zambézia, e seu impacto no bem-estar das crianças órfãs.

3.2. Participantes/ Amostra

Universo da População: O universo ou população deste estudo será composto por 130 crianças órfãs, com idades entre 5 e 17 anos, que residem no Centro de Apoio Casa Família, localizado em Quelimane, Zambézia. Essa população representa o grupo-alvo para a análise das práticas de socialização e seu impacto no bem-estar emocional e social das crianças. (Giorotto et al, 2013:123)

3.3. Amostra

A amostra será composta por cerca de 10 a crianças, de 5 á 17 anos. Este critério visa capturar as percepções e vivências diversificadas de crianças em diferentes estágios de desenvolvimento, possibilitando uma análise mais rica e detalhada sobre o impacto dos métodos de socialização no bem-estar emocional e social. segundo (Segundo Gil 2008:97),

A seleção da amostra será feita de forma intencional ou por conveniência, utilizando uma amostragem não probabilística. Ao adotar essa abordagem, espera-se garantir que os participantes possam fornecer informações precisas e relevantes sobre o impacto dos métodos de socialização no desenvolvimento emocional e social das crianças órfãs. A estratificação por faixa etária permitirá que as análises considerem possíveis diferenças nas percepções e experiências de socialização de acordo com as diversas fases do desenvolvimento infantil e adolescente, proporcionando dados ricos e diversificados para uma análise profunda do fenômeno em estudo. (Glaser & Strauss, 2006:65).

3.4. Critérios de Inclusão e Critérios de Exclusão

Critérios de Inclusão:

- Crianças com idades entre 5 e 17 anos.
- Crianças que residem no Centro de Apoio Casa Família há pelo menos 6 meses.
- Crianças que participam regularmente das atividades de socialização oferecidas pelo centro.
- Crianças para as quais foi obtido o consentimento informado dos responsáveis legais.

Critérios de Exclusão:

- Crianças com idades menores de 5 anos ou maiores de 17 anos.

- Crianças que residem no Centro de Apoio Casa Família há menos de 6 meses.
- Crianças que não participam regularmente das atividades de socialização oferecidas pelo centro.
- Crianças para as quais não foi obtido o consentimento informado dos responsáveis legais.

3.5. Instrumentos de recolha de dados

Serão utilizados questionários padronizados para avaliar o bem-estar subjetivo das crianças e a qualidade de suas interações sociais. Além disso, serão conduzidas entrevistas semiestruturadas para explorar as percepções das crianças sobre seu ambiente social e seu próprio bem-estar. Os questionários padronizados fornecerão dados quantitativos sobre o bem-estar e as interações sociais das crianças, enquanto as entrevistas semiestruturadas permitirão uma compreensão mais profunda das experiências e percepções das crianças, complementando os dados quantitativos.

Os instrumentos de recolha de dados, como os questionários padronizados e as entrevistas semiestruturadas, serão aplicados às crianças órfãs que residem no Centro de Apoio Casa Família, com idades entre 5 e 17 anos. Além disso, os questionários poderão ser aplicados aos cuidadores ou responsáveis pelas crianças, caso seja necessário para complementar as informações sobre o ambiente social e a qualidade das interações. As entrevistas semiestruturadas serão dirigidas diretamente às crianças, com o objetivo de explorar suas percepções e experiências sobre seu bem-estar e seu ambiente social.

3.6. Técnicas de Análise de Dados

Para o processamento, análise e interpretação dos dados, optou -se aos procedimentos da metodologia da análise do conteúdo, que consiste numa forma não matemática de representar o pensamento de uma colectividade. Faz-se mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culminam em discursos síntese que reúnem respostas diferentes, com conteúdos discursivos de sentido semelhante (Lefèvre, 2003).

Este processo baseia-se em algumas etapas nomeadamente: a selecção de expressões chaves de

cada discurso, a identificação de ideia central, semelhantes e reunião de ideias principais ou sínteses que culminam com a resposta final.

3.7. Procedimentos Técnicos

Para realização deste estudo foi necessária uma credencial ao Instituto Superior de Humanidades Ciências e Tecnologias para apresentar no centro de apoio a velhice de coalane.

Primeiro a estudante estabeleceu relação de confiança e compreensão com os participante, e depois esclarecidos sobre os objectivos do estudo e os benefícios que dele se esperam, a utilização do guião de entrevista, em seguida a investigadora dirigiu em privado para proceder com a entrevista levou mais ao memnos 20 minutos dependendo da flexibilidade do participante.

Os aspectos éticos ligados a integridade pessoal, cultural, racial, confidencialidade e anonimato serão respeitados neste estudo, seguindo a declaração de Helsínquia de 1964, ratificado em Moçambique pela lei número: 6/2023 de 8 de Junho (lei de investigação em Saúde Humana).

Para a validação dos instrumentos da pesquisa foi realizada um pré-teste do instrumento de colecta de dados, nesse caso o guião de entrevista, para melhorar alguns.

O Método de apresentação e análise de dados, foi o método análise conteúdos, pós, segundo Gil (2014), refere que o método indutivo procede inversamente ao dedutivo, este método parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de dados particulares. Segundo Bardin (1977), a análise qualitativa é a presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo. Para parantir o anonimato as resposta serão codificados para não revelar o nome.

3.8. Procedimentos éticos de Pesquisa

De acordo com a declaração de Helsínquia (1964), toda investigação médica está sujeita as normas éticas para garantir o respeito por todos seres humanos com vista a proteger a sua saúde e seus direitos. Após a elaboração do projecto, seguiu-se com o requerimento de pedido de autorização para a materialização do estudo no local. Depois da autorização seguiu-se com a submissão do protocolo ao Comitê Institucional e Bioética de Serviço Provincial de saúde (CIB-SPS) após a verificação e aprovação, a pesquisadora solicitou aprovação à Direção Provincial da Saúde

Para fazer parte do estudo, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e informado por meio de uma ficha que foi lida diante do participante, onde foi explicado os

objectivos, benefícios, e riscos que o estudo pode oferecer. só foi possível iniciar com a entrevista após o participante mostrar a sua disponibilidade em participar no estudo. as entrevistas foram de carácter individual e conduzidas em língua do domínio do entrevistado para permitir maior compreensão e obtenção exaustiva das respostas e diminuir mal entendidos foi assegurada aos participantes a voluntariedade de participação no estudo e desistência em qualquer momento.

De forma à preservar a privacidade, o anonimato e confidencialidade dos participantes, as entrevistas foram feitas individualmente numa sala escolhida para o efeito e o guião de entrevista foi codificado numa sequência **P1;P2;...P10** em função dos depoimentos e foram destruídos no final do estudo, e para o caso da necessidade de divulgação dos resultados comunicar-se-á todas as entidades envolvidas. a participação no estudo implicou baixo risco, como: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários, desconforto, por não ser habitual por parte dos entrevistados . os participantes também foram informados que não haveria benefícios imediatos, porém as suas opiniões contribuirão no futuro para a sugestão de criação de redes de apoio psicológico para aprimoramento da estimulação dos menores.

IV. Capítulo

4.0. Resultados Apresentação , Leitura e Interpretação dos dados Recolhidos

4.1. Dados Socio-demográficos:

Idade:

P1: 5 – 10 anos de idade (X)

P2: 11 – 15 anos de idade (X)

P3: 16 – 18 anos de idade (X)

P4: 11 – 15 anos de idade (X)

P5: 16 – 18 anos de idade (X)

P6: 11 – 15 anos de idade (X)

P7: 11 – 15 anos de idade (X)

P8: 5 – 10 anos de idade (X)

P9: 5 – 10 anos de idade (X)

P10: 11 – 15 anos de idade (X)

Quanto a diversidade da faixa etária da amostra permite, portanto, compreender como diferentes estágios do desenvolvimento influenciam a percepção do bem-estar subjetivo entre crianças e adolescentes órfãos

Reforçam que o bem-estar de crianças em acolhimento institucional está intimamente relacionado ao suporte social percebido, ao sentimento de pertencimento e à qualidade das interações no ambiente em que vivem.

Sexo:

P1: Masculino (X)

P2: Feminino (X)

P3: Masculino (X)

P4: Feminino (X)

P5: Feminino (X)

P6: Feminino (X)

P7: Masculino (X)

P8: Feminino (X)

P9: Masculino (X)

P10: Masculino (X)

Pode se dizer que , o bem-estar subjetivo pode ser influenciado pelo tipo de socialização a que cada sexo é tradicionalmente exposto. Segundo(Saraiva e Wagner 2010:93), meninas tendem a relatar níveis mais altos de bem-estar subjetivo quando possuem redes de apoio emocional, enquanto meninos associam seu bem-estar a atividades que envolvem autonomia e realização pessoal.

1. Situação de Órfão:

P1: Órfão de Ambos os pais (X)

P2: Órfão de Ambos os pais (X)

P3: Órfão de Ambos os pais (X)

P4: Órfão de Ambos os pais (X)

P5: Órfão de Ambos os pais (X)

P6: Órfão de Ambos os pais (X)

P7: Órfão de Ambos os pais (X)

P8: Órfão de Ambos os pais (X)

P9: Órfão de Ambos os pais (X)

P10: Órfão de um dos pais (X)

Assim, a predominância de crianças órfãs de ambos os pais na amostra reforça a importância de intervenções psicossociais que promovam vínculos de confiança, escuta afetiva e um ambiente de acolhimento que favoreça a reconstrução da segurança emocional e do bem-estar subjetivo.

Nível de Escolaridade

P1: Ensino Fundamental (1ª a 5ª) (X)

P2: Ensino Fundamental (6ª a 9ª) (X)

P3: Ensino medio (10ª a 12ª) (X)

P4: Ensino medio (10ª a 12ª) (X)

P5: Ensino medio (10ª a 12ª) (X)

P6: Ensino Fundamental (6ª a 9ª) (X)

P7: Ensino Fundamental (6ª a 9ª) (X)

P8: Ensino Fundamental (1ª a 5ª) (X)

P9: Ensino Fundamental (6ª a 9ª) (X)

P10: Ensino Fundamental (6ª a 9ª) (X)

Portanto, a diversidade no nível de escolaridade da amostra permite observar como diferentes estágios educacionais influenciam a construção da autoestima, das relações sociais e da percepção de bem-estar entre crianças e adolescentes institucionalizados.

2. Felicidade: a) Com que frequência você se sente feliz?

P1: Às Vezes (X)

P2: Às Vezes (X)

P3: Às Vezes (X)

P4: Às Vezes (X)

P5: As Vezes (X)

P6: Às Vezes (X)

P7: Às Vezes (X)

P8: Às Vezes (X)

P9: Às Vezes (X)

P10: Raramente (X)

É importante observar que a resposta “às vezes” não necessariamente significa ausência de bem-estar, mas pode indicar uma oscilação emocional comum a indivíduos em desenvolvimento e em situações de vulnerabilidade. Ainda assim, a falta de relatos de felicidade frequente ou constante revela uma carência significativa de fatores protetores no ambiente institucional como afeto, segurança emocional, liberdade para brincar e oportunidades de desenvolvimento social.

3. Solidão: a) Com que frequência você se sente sozinho(a) ou isolado(a)?

P1: Raramente (X)

P2: As Vezes (X)

P3: As Vezes (X)

P4: As Vezes (X)

P5: As Vezes (X)

P6: As Vezes (X)

P7: As Vezes (X)

P8: As Vezes (X)

P9: As Vezes (X)

P10: As Vezes (X)

Portanto, os dados reforçam a necessidade de ações institucionais voltadas à promoção de vínculos significativos, ao desenvolvimento de habilidades sociais e à escuta afetiva, para minimizar os efeitos da solidão emocional e favorecer o bem-estar subjetivo dessas crianças.

4. Comportamento Social: a) Como você descreveria seu comportamento em situações sociais?

P1: Extrovertido (X)

P2: Tímido (X)

P3: Tímido (X)

P4: Neutro (X)

P5: Extrovertido (X)

P6: Tímido (X)

P7: Muito Tímido (X)

P8: Extrovertido (X)

P9: Tímido (X)

P10: Neutro (X)

Portanto, os dados apontam para a importância de promover ambientes de apoio emocional e estímulo à socialização dentro das instituições, por meio de atividades grupais, oficinas de expressão emocional e acompanhamento psicológico.

O desenvolvimento saudável das crianças está profundamente vinculado à qualidade das interações sociais e ao suporte recebido em seu ambiente imediato.

5. Satisfação com as Relações Sociais: a) Quão satisfeito(a) você esta com suas Interações sociais?

P1: Satisfeito(a) (X)

P2: Satisfeito(a) (X)

P3: Neutro (X)

P4: Satisfeito(a) (X)

P5: Satisfeito(a) (X)

P6: Satisfeito(a) (X)

P7: Satisfeito(a) (X)

P8: Satisfeito(a) (X)

P9: Satisfeito(a) (X)

P10: Satisfeito(a) (X)

Assim, os resultados reforçam a ideia de que o ambiente social e afetivo desempenha um papel crucial na percepção de bem-estar subjetivo de crianças órfãs. Estratégias de apoio emocional contínuo, fortalecimento de vínculos sociais e promoção de espaços de escuta são fundamentais para manter e elevar esse nível de satisfação entre os acolhidos

6. Bem-Estar Emocional: a) Como você se sente em relação a si mesmo(a)?

P1: Bem (X)

P2: Nem bem, nem mal (X)

P3: Nem bem, nem mal (X)

P4: Bem (X)

P5: Bem (X)

P6: Bem (X)

P7: Bem (X)

P8: Bem (X)

P9: Nem bem, nem mal (X)

P10: Bem (X)

Assim, os dados indicam que, embora existam nuances emocionais distintas entre os participantes, o clima emocional geral é positivo, o que reforça a importância de manter e fortalecer as estratégias de acolhimento emocional dentro da instituição

7. Quais actividades você mais gosta de fazer com as outras crianças aqui na Casa Família?

P1: Gosto de fazer quase todo tipo de actividades.

P2: Gosto de fazer muitos tipos de actividades.

P3: Trabalhar em conjunto.

P4: Eu gosto de lavar prato com meus amigos.

P5: Eu gosto mais de conversar com as crianças.

P6: Rever material escolar.

P7: Conversar.

P8: Organizar a casa.

P9: Eu gosto de jogar futebol.

P10: Brincar e fazer actividades de casa.

Esses dados qualitativos apontam que, mesmo diante da ausência da família nuclear, as crianças conseguem encontrar apoio, afeto e oportunidades de desenvolvimento dentro do contexto institucional. O sentimento de bem-estar subjetivo está diretamente relacionado à qualidade das relações sociais e à percepção de acolhimento e segurança no ambiente vivido. Logo, o envolvimento das crianças em atividades cotidianas e coletivas pode ser entendido como expressão concreta de pertencimento a uma “família ampliada”, formada por colegas, cuidadores e educadores sociais.

8. Você tem algum amigo especial aqui? Como é essa amizade?

P1: Sim tenho, a amizade é muito boa.

P2: Sim, tenho algumas amizades.

P3: Não.

P4: Sim, normal.

P5: Não tenho.

P6: Amizade de confiança.

P7: Sim. Tenho em uma amizade normal.

P8: Não.

P9: É uma amizade transparente e clara.

P10: Sim, é boa e divertida.

Portanto, promover atividades que incentivem o diálogo, a cooperação e o vínculo afetivo entre os acolhidos é uma estratégia fundamental para fortalecer a socialização e o bem-estar subjetivo das crianças. O incentivo às amizades dentro do espaço institucional contribui para a

formação de uma identidade social positiva, além de oferecer suporte emocional nas experiências cotidianas.

9. Em quais situações você se sente mais feliz?

P1: Me sinto feliz em situações deslumbrantes.

P2: Me sinto feliz em situações desbordantes.

P3: Sozinho.

P4: A brincar.

P5: É quando consigo alcançar o impossível.

P6: Costurando.

P7: Nos momentos de vitória.

P8: A brincar.

P9: Quando estou com amigos a estudar.

P10: Quando estamos a brincar.

A diversidade de respostas aponta que a felicidade infantil no contexto institucional não depende exclusivamente da presença ou ausência da família, mas está fortemente ligada à qualidade das interações, às oportunidades de expressão, à vivência do brincar, e ao reconhecimento de conquistas pessoais. Ao criar um ambiente que valorize essas dimensões, a instituição de acolhimento pode favorecer o florescimento emocional das crianças e adolescentes sob sua guarda.

10.Quais são suas esperanças e sonhos para o futuro?

P1: Ainda não sei, mas tenho fé.

P2: Ainda não pensei sobre isso.

P3: Ser Medico.

P4: Ser motorista.

P5: Eu sonho em ser uma grande empresaria.

P6: Ter um futuro melhor e ser professor.

P7: Sonho em ser grande empresário.

P8: Trabalhar e estudar.

P9: Meu sonho e ser um motorista.

P10: Estudar e ter uma profissão.

As respostas revelam que a maioria das crianças mantém sonhos, desejos e ambições, o que é um sinal positivo de resiliência emocional e bem-estar subjetivo. Ter esperança no futuro, mesmo diante de um passado marcado por rupturas familiares, é um indicativo de força adaptativa. No entanto, a indefinição de alguns também sugere a necessidade de reforço no acompanhamento psicopedagógico, com atividades que incentivem a autoexploração, o planejamento de vida e o fortalecimento da autoestima.

É papel da instituição promover espaços de escuta e orientação vocacional, contribuindo para que cada criança possa visualizar caminhos possíveis, dentro de suas capacidades e desejos, e acreditar em seu próprio potencial de realização.

V. Capítulo

5.1. Discussão dos Resultados

A amostra deste estudo é composta por 10 crianças órfãs acolhidas no Centro de Apoio Casa Família, com idades distribuídas entre três faixas etárias: 5–10 anos, 11–15 anos e 16–18 anos. A maior concentração encontra-se na faixa de 11–15 anos, com 5 participantes (50%), seguida da faixa de 5–10 anos com 3 participantes (30%) e, por fim, a faixa de 16–18 anos com 2 participantes (20%).

Quanto a faixa etária de 11 a 15 anos merece atenção, pois corresponde a um período de transição entre a infância e a adolescência, fase caracterizada por mudanças significativas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social. De acordo com (Erikson 1968:117), essa etapa corresponde à crise do desenvolvimento denominada “identidade versus confusão de papéis”, em que o jovem busca definir seu lugar no mundo e fortalecer sua autoimagem. Em contextos de vulnerabilidade, como o de crianças órfãs institucionalizadas, esse processo pode ser ainda mais complexo e influenciado pela ausência de vínculos familiares consistentes.

No que diz respeito a presença das crianças na faixa dos 5 aos 10 anos também é relevante, considerando que, segundo Piaget (1970), nessa idade os indivíduos estão em estágios de desenvolvimento cognitivo concreto, começando a formar uma visão mais estruturada das relações sociais e afetivas. O bem-estar subjetivo nessa faixa tende a estar fortemente associado à segurança emocional, ao afeto recebido e à estabilidade do ambiente (Seligman, 2011).

No tange aos adolescentes de 16 a 18 anos estão em um estágio que, conforme (Bronfenbrenner(1979:12), é influenciado por múltiplos sistemas sociais (família, escola, comunidade), sendo o momento em que se intensifica a busca por autonomia, pertencimento e perspectivas de futuro. A ausência de uma rede familiar pode afetar diretamente a construção da identidade e do bem-estar psicológico nessa fase, tornando essencial o papel do ambiente institucional no fornecimento de suporte emocional e oportunidades de desenvolvimento.

Quanto a diversidade da faixa etária da amostra permite, portanto, compreender como diferentes estágios do desenvolvimento influenciam a percepção do bem-estar subjetivo entre

crianças e adolescentes órfãos. Estudos como os de Ribeiro et al. (2016) e Silva & Dell’Aglío (2007) reforçam que o bem-estar de crianças em acolhimento institucional está intimamente relacionado ao suporte social percebido, ao sentimento de pertencimento e à qualidade das interações no ambiente em que vivem.

Quanto à análise da variável sexo revela uma amostra composta por 10 participantes, sendo 6 do sexo masculino (60%) e 4 do sexo feminino (40%). Essa distribuição relativamente equilibrada, ainda que com uma leve predominância de meninos, permite observar possíveis diferenças nas experiências de bem-estar subjetivo e socialização de acordo com o gênero.

No que refere estes estudos indicam que o sexo pode influenciar significativamente a forma como crianças e adolescentes experienciam e expressam emoções, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

Estes estudos corroboram com a pesquisa feita por (Gilligan 1982:98), meninas tendem a demonstrar maior sensibilidade às relações interpessoais e ao cuidado com o outro, o que pode refletir em uma percepção mais aguda de vínculos sociais (ou da sua ausência). Em contraste, meninos podem apresentar respostas mais externas a situações de sofrimento emocional, muitas vezes com comportamentos de retraimento, agressividade ou negação emocional (Oliveira & Dell’Aglío, 2006:110).

No tange a institucionalização, essas diferenças podem ser ampliadas. Segundo Silva & Dell’Aglío (2007:109), crianças e adolescentes institucionalizados apresentam diferentes formas de lidar com a ausência de vínculos familiares e com as rotinas da instituição, e essas estratégias variam conforme o sexo. Meninas costumam relatar maior valorização das relações afetivas dentro da instituição, enquanto meninos tendem a apresentar maior dificuldade em estabelecer laços e em verbalizar sentimentos.

Quanto a variável sexo na amostra também é relevante para garantir a diversidade de percepções e experiências analisadas, permitindo uma abordagem mais rica e comparativa dos fatores que contribuem ou prejudicam o bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes órfãos.

Dos 10 participantes, apenas oito participantes com dados disponíveis sobre escolaridade, observa-se a seguinte distribuição:

- **Ensino primário (1ª a 5ª classe):** 2 participantes (25%)
- **Ensino primário e secundária (6ª a 9ª classe):** 3 participantes (37,5%)
- **Ensino Médio e pre universitário (10ª a 12ª classe):** 3 participantes (37,5%)

Essa distribuição revela uma amostra composta majoritariamente por crianças e adolescentes em fase de escolarização básica (ensino primário e médio), refletindo uma faixa etária compatível com o desenvolvimento educacional esperado. No entanto, o número relativamente reduzido de participantes no ciclo inicial do ensino primário indica a predominância de indivíduos em estágios mais avançados do desenvolvimento, reforçando os dados etários previamente analisados.

A escolarização é um fator crucial na construção do bem-estar subjetivo, especialmente entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. De acordo com (Bronfenbrenner 1979:113), a escola funciona como um dos principais microsistemas do desenvolvimento humano, exercendo papel fundamental na socialização, na autoestima e na formação de vínculos interpessoais. Para crianças institucionalizadas, que muitas vezes enfrentam rupturas familiares e carência afetiva, o ambiente escolar pode servir como espaço de suporte emocional e estabilidade (Silva & Dell'Aglio, 2007:122).

Ainda no que diz respeito, a transição para o ensino médio pode representar desafios adicionais, como o aumento das exigências acadêmicas, conflitos identitários e maior pressão por escolhas profissionais, especialmente entre jovens que não contam com uma rede familiar sólida. Como refere o estudo de (Nascimento & Dias 2018:12), adolescentes em situação de acolhimento enfrentam maiores dificuldades escolares devido à instabilidade emocional e aos traumas pré-institucionalização, o que pode afetar diretamente sua motivação, rendimento escolar e visão de futuro.

Portanto, a diversidade no nível de escolaridade da amostra permite observar como diferentes estágios educacionais influenciam a construção da autoestima, das relações sociais e da percepção de bem-estar entre crianças e adolescentes institucionalizados.

Quanto a variável em relação da condição de orfandade dos participantes revela que 9 dos 10 entrevistados (90%) são órfãos de ambos os pais, enquanto apenas 1 participante (10%) é órfão de um dos pais. Essa prevalência de orfandade total reforça a condição de vulnerabilidade dos sujeitos da pesquisa, uma vez que a perda de ambos os genitores tende a gerar impactos profundos no desenvolvimento emocional, social e psicológico das crianças.

De acordo com estudos realizados (Bowlby 1984:110), a perda de figuras parentais primárias pode comprometer significativamente a formação de vínculos afetivos seguros, elemento central para o desenvolvimento saudável da personalidade. Crianças órfãs de ambos os pais frequentemente enfrentam sentimentos intensos de abandono, insegurança e desamparo, que podem comprometer sua autoestima, confiança interpessoal e percepção de bem-estar.

A literatura aponta que crianças que perdem ambos os pais estão em maior risco de apresentar dificuldades na regulação emocional, no rendimento escolar e na construção de relações sociais saudáveis (Silva & Dell’Aglío, 2007:112).

A situação é agravada quando essas crianças são institucionalizadas, o que, embora represente uma forma de proteção, também pode limitar o acesso a vínculos afetivos duradouros, em razão da rotatividade de cuidadores, das regras institucionais e da ausência de um modelo familiar estável (Carvalho & Novo, 2012).

É importante destacar que, conforme afirmam (Gomes & Resende 2011), o impacto da orfandade no bem-estar subjetivo depende não apenas da perda biológica dos pais, mas também da qualidade das relações anteriores, das circunstâncias da perda, do suporte social disponível e do ambiente institucional em que a criança se encontra.

Variável sobre felicidade os dados mostram que 9 dos 10 participantes (90%) relataram sentir-se felizes “às vezes”, enquanto 1 participante (10%) respondeu que “raramente” se sente feliz. Essa predominância de respostas moderadas ou negativas quanto à vivência da felicidade é um indicativo relevante sobre o estado emocional geral das crianças e adolescentes acolhidos no Centro de Apoio Casa Família.

Esses dados corroboram com pesquisa realizada por (Diener et al. 1999:112), como a avaliação que o próprio indivíduo faz de sua vida, incluindo componentes afetivos (emoções positivas e negativas) e cognitivos (satisfação com a vida). O fato de a maioria dos participantes afirmar que só se sente feliz “às vezes” sugere um nível de bem-estar limitado, marcado por instabilidade emocional e carência de experiências prazerosas consistentes.

Em contextos de acolhimento institucional, essa limitação é frequentemente associada à ruptura de vínculos familiares, ausência de afeto contínuo, insegurança quanto ao futuro e restrições nas relações sociais significativas (Silva & Dell’Aglío, 2007). Onde divergem com estudo realizado por (Seligman (2011), a felicidade duradoura está profundamente ligada a relações afetivas positivas, sentimento de pertencimento e propósito elementos muitas vezes fragilizados na vida de crianças órfãs institucionalizadas.

A resposta “raramente” por parte de um dos participantes pode sinalizar um quadro emocional mais delicado, possivelmente relacionado a sentimentos de tristeza persistente, desesperança ou até sintomas depressivos. Estudos como os de (Ribeiro et al. 2016) apontam que crianças institucionalizadas que vivenciam perda parental severa, acompanhada de fraco suporte emocional, tendem a apresentar maior vulnerabilidade emocional e baixa percepção de felicidade.

Para variável solidão dados revela que 9 dos 10 participantes (90%) relataram sentir-se sozinhos ou isolados “às vezes”, enquanto apenas 1 participante (10%) indicou que se sente “raramente” assim. Esses dados são indicativos de uma experiência emocional comum entre crianças e adolescentes acolhidos institucionalmente: a vivência frequente de solidão emocional.

Esta pesquisa corrobora com estudos realizados por (Weiss (1973:97:112), a solidão pode ser dividida em dois tipos: solidão emocional falta de vínculos afetivos profundos e solidão social ausência de rede social. No caso das crianças órfãs institucionalizadas, especialmente aquelas que perderam ambos os pais, a solidão emocional tende a predominar, dado que a instituição apesar de prover cuidados físicos nem sempre supre a necessidade de vínculos afetivos estáveis e individualizados (Carvalho & Novo, 2012:02).

A resposta “às vezes” predominante indica que, embora essas crianças estejam inseridas em um ambiente coletivo, com presença constante de outros acolhidos e educadores, o sentimento de

isolamento subjetivo persiste. Isso reforça a ideia de que a convivência física com outras pessoas não garante conexões emocionais significativas (Diener & Seligman, 2002:119).

Estes achados estão em consonância com estudo realizado por (Bowlby 1984:70), a ausência de figuras de apego seguras compromete a capacidade da criança de confiar nas relações, o que pode dificultar a criação de laços profundos dentro da instituição. Tal sentimento é ainda mais frequente em adolescentes, que vivem intensamente a busca por identidade, pertencimento e reconhecimento social elementos muitas vezes escassos em instituições de acolhimento.

Única resposta “raramente” pode indicar que esse participante dispõe de recursos emocionais mais desenvolvidos ou de vínculos mais seguros dentro ou fora da instituição. Conforme Fonseca & Silva (2013), o suporte emocional de um cuidador, mesmo que institucional, pode ser suficiente para reduzir a sensação de solidão, desde que haja consistência, afeto e atenção individualizada.

A análise dos perfis de personalidade dos participantes indicou uma predominância de características relacionadas à timidez. Entre as dez crianças avaliadas, cinco (50%) foram classificadas como tímidas ou muito tímidas, três (30%) como extrovertidas e duas (20%) como neutras. Esses dados sugerem uma tendência significativa à retração social, o que pode estar associado às condições emocionais e contextuais vivenciadas pelas crianças órfãs.

De acordo com Silva e Dell’Aglia (2007), crianças institucionalizadas tendem a apresentar dificuldades de socialização e maiores índices de comportamentos internalizantes, como a timidez, devido à carência de vínculos afetivos estáveis e à exposição a contextos de abandono ou negligência. Isso pode explicar por que a maioria dos participantes deste estudo apresentou traços de introversão.

Quanto a variável timidez pode ser entendida como uma dificuldade de se expor socialmente, geralmente acompanhada por ansiedade e medo da rejeição (Mendes & Seidl-de-Moura, 2004:87). Em contextos como o de orfanatos, onde há instabilidade afetiva e falta de figuras de apego consistentes, esse traço pode ser intensificado, impactando negativamente o bem-estar subjetivo das crianças. Este estudo corrobora Com (Diener 2000;07), o bem-estar subjetivo está intimamente ligado à qualidade das relações interpessoais e ao apoio social percebido.

Por outro lado, a presença de três crianças extrovertidas demonstra que nem todas respondem da mesma forma ao ambiente institucional. A extroversão, como refere (Costa e McCrae 1992:97), está relacionada à sociabilidade, assertividade e busca por estímulos sociais, características que favorecem a construção de vínculos e a participação em atividades coletivas, o que, por sua vez, pode elevar os níveis de bem-estar subjetivo.

Quanto as crianças com perfis neutros podem representar uma zona de transição comportamental ou adaptação social. Elas podem alternar comportamentos tímidos e extrovertidos de acordo com o contexto, como sugerem (Bronfenbrenner e Morris 2006:112) ao discutir a influência do ambiente no desenvolvimento infantil.

No tange a variável satisfação Os dados revelam que nove dos dez participantes (90%) se autodeclararam satisfeitos com sua condição atual de vida, enquanto um participante (10%) se mostrou neutro quanto à sua satisfação. Este resultado é expressivo e indica um elevado nível de bem-estar subjetivo entre as crianças do Centro de Apoio Casa Família.

Estes resultados corroboram com estudos feito por (Diener et al. 1999:121), o bem-estar subjetivo é composto por três dimensões principais: a satisfação com a vida, a presença de afetos positivos e a ausência de afetos negativos. Assim, o alto índice de satisfação relatado sugere que, apesar das adversidades enfrentadas, como a perda dos pais e a institucionalização, essas crianças conseguem desenvolver percepções positivas sobre sua vida atual.

Quanto a essa percepção pode estar diretamente relacionada ao ambiente institucional acolhedor, à presença de cuidadores afetuosos e à oferta de atividades sociais e educativas, que contribuem para a estabilidade emocional das crianças (Sarriera e Bedin 2007:87), a presença de suporte social e relacionamentos significativos em instituições de acolhimento pode ser um fator protetor importante para o desenvolvimento do bem-estar em populações vulneráveis.

No que diz respeito a satisfação generalizada também pode indicar um certo grau de resiliência entre os participantes como referiu o (Rutter 2007:97) destaca que, mesmo em contextos adversos, crianças podem demonstrar adaptações positivas, especialmente quando expostas a contextos estruturados, previsíveis e com vínculos afetivos consistentes características que podem estar presentes no ambiente do Centro de Apoio.

Sendo que , o único participante classificado como “neutro” pode representar uma percepção mais ambígua ou instável de bem-estar, possivelmente ligada a vivências específicas ou dificuldades pessoais. Isso reforça a importância de olhar individualizado dentro das abordagens institucionais, respeitando as singularidades emocionais de cada criança (Bronfenbrenner & Morris, 2006:141).

Quanto a variável o bem-estar emocional Com base nos dados coletados, observa-se que sete participantes (70%) relataram sentir-se bem, enquanto três participantes (30%) indicaram sentir-se “nem bem, nem mal”. Nenhum participante declarou sentir-se mal. Essa distribuição sugere que a maioria das crianças demonstra experiências emocionais positivas no cotidiano, o que é um indicador importante de bem-estar afetivo.

Esta pesquisa é corroborada por (Diener et al. 1999:98), a avaliação afetiva do bem-estar subjetivo refere-se à frequência e intensidade de emoções positivas (como alegria, tranquilidade e contentamento) e à ausência de emoções negativas (como tristeza, raiva ou medo).

A predominância de sentimentos positivos neste grupo aponta para uma tendência ao equilíbrio emocional, mesmo diante de condições de vulnerabilidade social, como a vivência em uma instituição.

A presença de crianças que se percebem “nem bem, nem mal” pode indicar um estado de neutralidade afetiva ou de oscilação emocional, o que é esperado em contextos de desenvolvimento emocional ainda em construção. conforme (Hutz et al. 2014:94), crianças e adolescentes institucionalizados podem vivenciar sentimentos ambíguos relacionados à separação da família, à adaptação ao ambiente institucional e à incerteza quanto ao futuro, o que pode afetar a estabilidade emocional.

No entanto, o fato de nenhuma criança relatar sentir-se mal é significativo. Isso pode refletir um ambiente minimamente seguro e acolhedor no Centro de Apoio Casa Família, capaz de proporcionar suporte afetivo, rotina estruturada e oportunidades de socialização, fatores fundamentais para o bem-estar psíquico (Silva & Dell’Aglío, 2007:98).

Quanto análise qualitativa das respostas dadas pelas crianças acerca das suas atividades preferidas revela elementos significativos sobre suas interações sociais, interesses e o modo como constroem vínculos dentro do ambiente institucional, o qual frequentemente exerce o papel de substituto familiar. As falas refletem um cotidiano no qual as relações interpessoais, a participação em tarefas coletivas e os momentos de lazer são valorizados e percebidos como fontes de bem-estar.

Estes resultados corroboram com (Silva e Dell’Aglío 2007:110), em instituições de acolhimento bem estruturadas, as atividades do dia a dia são utilizadas como forma de promover responsabilidade, cooperação e integração entre os acolhidos, fortalecendo o sentimento de pertencimento.

A preferência por ações como “conversar com as crianças”, “brincar” e “jogar futebol” evidencia a importância das relações sociais entre os pares. Vygotsky (1991) afirma que o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança é intensamente mediado pelas interações sociais. Assim, o fato de que muitas das atividades mencionadas envolvem o outro demonstra que a convivência no ambiente institucional tem contribuído para a construção de vínculos afetivos significativos.

Além disso, algumas respostas, como “rever material escolar” e “gosto de fazer quase todo tipo de atividades”, indicam uma postura proativa diante da rotina institucional, sugerindo a presença de motivação intrínseca, interesse por novos aprendizados e flexibilidade. Essa variedade de interesses pode ser compreendida como uma manifestação de resiliência a capacidade de adaptação positiva diante de adversidades (Rutter, 2007:101).

Quanto a variável sobre amizade das respostas revela que a maioria das crianças relata possuir algum tipo de amizade no ambiente institucional. Dos dez participantes, sete afirmam ter amizades algumas descritas como “boas”, “de confiança”, “transparentes” ou “divertidas”, enquanto três afirmam não ter amigos ou não destacaram nenhuma amizade significativa. Esses dados apontam para uma realidade relacional heterogênea, com predominância de vínculos positivos, mas também com a presença de crianças que podem estar em situação de isolamento social.

As amizades são centrais para o desenvolvimento social e emocional das crianças. Segundo (Papalia et al. 2013:158), os laços de amizade na infância promovem o aprendizado de habilidades como empatia, cooperação, resolução de conflitos e autorregulação emocional. Além disso, funcionam como fonte de apoio emocional e proteção em contextos adversos.

existência de três participantes que afirmam não possuir amizades revela a necessidade de atenção à inclusão social dentro da instituição. A ausência de vínculos pode ser um fator de risco para o desenvolvimento de sentimentos de solidão, rejeição ou baixa autoestima. Esse estudo corrobora com Como (Bowlby 1984:87), o estabelecimento de laços afetivos seguros na infância é essencial para o desenvolvimento saudável da personalidade e da capacidade de confiar nos outros.

Quanto a variável Brincadeiras e jogos (P4, P8, P10) Três crianças afirmaram que se sentem felizes ao brincar, o que é esperado e coerente com o desenvolvimento infantil. O brincar não apenas favorece o prazer momentâneo, mas também é um espaço simbólico de expressão, experimentação e construção de vínculos sociais estes resultados equipara-se com (Sarriera e Bedin 2007:101), o brincar é uma das principais formas pelas quais as crianças expressam emoções e constroem seu bem-estar subjetivo, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

Momentos de conquista e superação (P1, P2, P5, P7) Quatro crianças mencionam situações ligadas à superação ou à conquista como fontes de felicidade, utilizando expressões como “alcançar o impossível”, “vitória” e “situações deslumbrantes”. Isso revela que o sentimento de competência e autoeficácia está fortemente relacionado à vivência da felicidade. Comparando com estudos realizados por (Deci e Ryan 2000:10), a percepção de competência é uma das necessidades psicológicas básicas que, quando satisfeita, promove o bem-estar e a motivação intrínseca.

Atividades individuais significativas (P6 – Costurando) Uma criança relatou que se sente feliz ao costurar, o que indica a importância de atividades manuais e criativas como espaço de prazer e realização pessoal. Essas ações permitem que a criança se expresse individualmente e construa um senso de identidade e autonomia, mesmo dentro de um ambiente coletivo. Isso está em sintonia com os achados de (Vygotsky 1991:32), que considera o fazer individual parte do processo de desenvolvimento intelectual e emocional.

Interações sociais positivas (P9 – Estudar com amigos) O relato de P9 mostra a valorização de momentos de estudo em grupo como fonte de felicidade. Esse dado é relevante, pois demonstra que, para algumas crianças, o processo de aprendizagem compartilhada é prazeroso e significativo. Papalia et al. (2013) destacam que as interações sociais com os pares, especialmente em contextos de aprendizagem colaborativa, promovem o sentimento de pertencimento e apoio mútuo.

Experiência de solidão (P3 – Sozinho) A resposta de P3 indica que estar só é, para ele(a), um momento de felicidade. Embora isso possa revelar uma preferência individual por introspecção, também pode sinalizar isolamento ou dificuldades de socialização, o que merece atenção da equipe técnica da instituição. (Bowlby 1984:12) argumenta que a ausência de vínculos seguros na infância pode comprometer o desenvolvimento emocional e social da criança, sendo fundamental avaliar a qualidade e estabilidade das relações estabelecidas.

Quais são suas esperanças e sonhos para o futuro?" são especialmente relevantes para analisar o bem-estar subjetivo em sua dimensão cognitiva e prospectiva, isto é, como as crianças percebem seu futuro, seus desejos e seu projeto de vida. A seguir, apresento a discussão dos dados com base teórica e citações, adequada para seu trabalho de licenciatura sobre crianças órfãs no Centro de Apoio Casa Família.

A análise das respostas dadas pelas crianças à pergunta sobre sonhos e esperanças futuras permite vislumbrar não apenas suas aspirações profissionais, mas também seu nível de motivação, autopercepção, e capacidade de projetar-se no tempo aspectos essenciais para a compreensão do bem-estar subjetivo, especialmente em contextos de acolhimento institucional.

Quanto a variável Esperanças e Sonhos como Expressão do Bem-Estar Subjetivo e da Perspectiva de Futuro aspirações profissionais e vocacionais (P3, P4, P5, P6, P7, P9, P10) Sete crianças expressaram sonhos profissionais concretos, como ser médico, motorista, professor ou empresário. Isso revela uma capacidade de projetar metas para o futuro, o que, conforme (Ryff 1989:100), é um dos pilares do bem-estar psicológico: ter objetivos, dar sentido à vida e acreditar em possibilidades de crescimento pessoal. Tais metas demonstram que, apesar das adversidades do acolhimento, essas crianças mantêm perspectivas positivas em relação ao futuro.

Sonhos como “ser empresário” (P5 e P7), “médico” (P3) ou “professor” (P6) apontam para o desejo de status, autonomia, reconhecimento ou contribuição social. Isso está em consonância com a teoria da autodeterminação, segundo a qual as pessoas têm necessidades inatas de competência, autonomia e relacionamento (Deci & Ryan, 2000:12).

Desejos gerais de progresso (P8, P10) Duas crianças falaram em “estudar e trabalhar” ou “ter uma profissão”, expressando esperanças ligadas à melhoria de vida e estabilidade social. Isso indica um reconhecimento da importância da educação como caminho para o futuro. (Papalia et al. 2013:23) destacam que, em contextos vulneráveis, o projeto de futuro está fortemente vinculado ao desejo de autonomia e segurança financeira.

Falta de clareza ou indefinição (P1, P2) Duas respostas indicam incerteza quanto ao futuro: “ainda não sei, mas tenho fé” (P1) e “ainda não pensei sobre isso” (P2). Essas falas podem refletir uma limitação na capacidade de imaginação de futuro, o que pode estar relacionado à insegurança emocional ou à ausência de estímulos suficientes para pensar em si mesmos de maneira projetiva. Em estudos com crianças institucionalizadas.

Contudo, a resposta de P1, ao afirmar “tenho fé”, sinaliza que a esperança ainda está presente, mesmo diante da indefinição. Segundo (Snyder 2002:19), a esperança é um componente cognitivo essencial para o bem-estar, pois está relacionada à motivação para alcançar objetivos, mesmo quando ainda não estão plenamente definidos

VI Capítulo

6.0. Conclusão

A análise da amostra composta por 10 crianças órfãs acolhidas no Centro de Apoio Casa Família permitiu identificar importantes nuances relacionadas à idade e ao sexo, que influenciam diretamente a percepção do bem-estar subjetivo desses indivíduos. A diversidade etária, distribuída entre as faixas de 5–10, 11–15 e 16–18 anos, revelou que cada etapa do desenvolvimento psicológico e social apresenta desafios e necessidades distintas, especialmente em contextos de vulnerabilidade como o da institucionalização.

variável sexo contribuiu para uma compreensão mais aprofundada das experiências de socialização e expressão emocional. A leve predominância do sexo masculino permitiu observar que meninas tendem a valorizar mais os vínculos afetivos e a expressar emoções de forma mais sensível, enquanto meninos apresentam maior dificuldade em verbalizar sentimentos e em estabelecer laços interpessoais, comportamentos frequentemente marcados por retraimento ou agressividade.

Portanto, os dados analisados confirmam que as esperanças e os sonhos das crianças institucionalizadas são indicadores valiosos do seu bem-estar subjetivo. Eles refletem não apenas desejos individuais, mas também o impacto do ambiente acolhedor e das experiências vividas no contexto institucional. Fomentar esses sonhos e proporcionar condições para que se tornem possíveis é um compromisso ético e educacional que deve orientar as práticas de cuidado e intervenção junto a essa população.

Em síntese, os dados demonstram que o bem-estar subjetivo das crianças acolhidas no Centro de Apoio Casa Família está relacionado a múltiplas dimensões lúdica, emocional, relacional e individual. A escuta atenta dessas manifestações deve orientar práticas institucionais mais sensíveis, que valorizem tanto a coletividade quanto a singularidade de cada criança, promovendo um ambiente que favoreça o florescimento humano em suas mais diversas formas.

Falta de clareza ou indefinição (P1, P2) Duas respostas indicam incerteza quanto ao futuro: “ainda não sei, mas tenho fé” (P1) e “ainda não pensei sobre isso” (P2). Essas falas podem refletir uma limitação na capacidade de imaginação de futuro, o que pode estar relacionado à insegurança

emocional ou à ausência de estímulos suficientes para pensar em si mesmos de maneira projetiva. Em estudos com crianças institucionalizadas, isso é um indicativo de possíveis lacunas no apoio psicossocial, como argumenta (Sarriera et al. 2006:91), para quem a construção de projetos de vida depende de condições materiais e relacionais favoráveis.

Sugestões ou recomendações

Á casa da Família

- ✓ Implementar rotinas diárias que incluam tempo e espaço adequados para brincadeiras livres e dirigidas, com diversidade de brinquedos e materiais lúdicos.
- ✓ Desenvolver atividades que estimulem metas pessoais e coletivas, com celebração de conquistas (ex.: quadro de "pequenas vitórias", medalhas simbólicas, murais de talentos).
- ✓ Oferecer oficinas regulares de costura, desenho, pintura, música ou outras expressões artísticas, respeitando os interesses individuais das crianças.
- ✓ Criar grupos de estudo cooperativo com acompanhamento pedagógico, incentivando o apoio entre colegas e a resolução de tarefas em conjunto
- ✓ Realizar acompanhamento psicossocial individualizado para crianças que demonstram preferência por ficar sozinhas, a fim de distinguir introspecção saudável de possível isolamento afetivo.
- ✓ Promover capacitações sobre desenvolvimento infantil, bem-estar subjetivo e estratégias de fortalecimento emocional em contextos de acolhimento.

Referências Bibliográficas

- Berger, Peter L., e Thomas Luckmann. 2004. A construção social da realidade. 25. ed. Petrópolis: Vozes.
- Bezerra, A. P. G., Oliveira, M. C. de, & Souza, S. A. S. (2011). Socialização na Educação Infantil.
- Bowlby, John. 1982. Attachment and Loss: Vol. 1. Attachment. 2nd ed. New York: Basic Books.
- Costa, A. (n.d.). A construção do eu através da socialização. Disponível em: <http://www.comportamentocognitivo.com.br>. Acesso em 02 de abril de 2024.
- Diener, Ed, Eunkook Suh, Richard E. Lucas, e Heidi L. Smith. 1999. “Subjective Well-Being: Three Decades of Progress.” *Psychological Bulletin* 125(2): 276–302.
- Del Priore, M. (2006). História das crianças no Brasil. *São Paulo: Contexto*.
- Durkheim, É. (2011). Educação e sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gilligan, Robbie. 2000. “Adversity, Resilience and Young People: The Protective Value of Positive School and Spare Time Experiences.” *Children & Society* 14(1): 37–47.
- Huebner, Scott. 2004. “Research on Assessment of Life Satisfaction of Children and Adolescents.” *Social Indicators Research* 66(1–2): 3–33.
- Lahire, B. (2015). A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. *Educação e Pesquisa*, 41(spe), 1393-1404. <https://doi.org/10.1590/s1678-46342015000400005>
- Lima, M. D. P., & Siqueira, M. L. (n.d.). O papel da escola na socialização. Disponível em: <http://www.abrapee.org.br>. Acesso em 02 de abril de 2024.

- Medeiro, M. S. F. (2002). A construção teórica dos conceitos de socialização e identidade. *Revista de Ciências Sociais*, 33(1), 78-86.
- Neves, R. A. (2006). Vygotsky e as teorias de aprendizagem. *UNI Revista*.
- Medina, M. P. (2011). A importância da socialização na infância. Disponível em: <http://www.psicologiasdobrasil.com.br>. Acesso em 02 de abril de 2024.
- Organização das Nações Unidas (ONU). (1989). Convenção sobre os Direitos da Criança.
- Piaget, J. (1975). A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar.
- Piaget, J. (2013). A psicologia da inteligência (G. J. de Freitas Teixeira, Trans.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ramos, A. (2003). Introdução à psicologia social (4ª ed.). Santa Catarina: UFSC.
- Rutter, Michael. 1995. "Clinical Implications of Attachment Concepts: Retrospect and Prospect." *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 36(4): 549–571.
- Silva, A. (2004). Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes. Lisboa: Climepsi Editores.
- Vygotsky, L. S. (2001). Construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes.
- Wall, K. (2008). O lugar da escuta da criança nas práticas institucionais. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 35–52.
- Weber, M. (2002). Conceitos básicos de sociologia. São Paulo: Centauro.
- Wadsworth, J. (1997). Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Sarriera, J. C., Bedin, L. M., & Strelhow, M. R. W. (2006). Projetos de vida e bem-estar subjetivo em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 49–56.
- Silveira, A. (2012). A moral e a importância das interações sociais para a sua construção. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt>. Acesso em 02 de abril de 2024.

Souza, V. L. T. de, & Andrada, P. C. de. (2013). *Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo*. Estudos de Psicologia (Campinas), 30(3), 355-365.
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X201300030000>

Ungar, Michael. 2011. *The Social Ecology of Resilience: A Handbook of Theory and Practice*. New York: Springer.

UNICEF. 2022. *Annual Report Mozambique 2022*. Maputo: UNICEF Moçambique

Apêndices

Apêndice II - Questionário Padronizado para Cuidadores ou Responsáveis

Este questionário tem como objetivo avaliar o bem-estar subjetivo e as interações sociais das crianças órfãs no centro de apoio Casa Família em Quelimane, Zambézia. Por favor, responda às seguintes perguntas. Por favor, marque com “X” a opção que melhor descreve seus sentimentos e experiências.

Dados Sociodemográficos:

1. Sexo:

- Masculino ()
- Feminino ()

2. Idade: _____

3. Como você descreveria o estado emocional geral da criança?

- Muito ruim ()
- Ruim ()
- Regular ()
- Bom ()
- Muito bom ()

4. Com que frequência a criança demonstra estar feliz?

- Nunca ()
- Raramente ()
- Às vezes ()
- Frequentemente ()
- Sempre ()

5. Como você avalia a capacidade da criança de interagir com outras crianças?

- Muito ruim ()
- Ruim ()
- Regular ()
- Boa ()

- Muito boa ()
6. Em sua percepção, quais são os principais desafios que a criança enfrenta em seu ambiente social?

FIM



UNIVERSIDADE POLITÉCNICA - A POLITÉCNICA

Instituto Superior de Humanidade Ciências e Tecnologias-ISHCT

APÉNDICE- Entrevista Semi-estruturada para Crianças Guião de entrevista Código _____

1. Como você se sente vivendo na Casa Família?

R) _____

2. Quais atividades você mais gosta de fazer com os outros crianças aqui na Casa Família?

R) _____

3. Você tem algum amigo especial aqui? Como é essa amizade?

R) _____

4. Em quais situações você se sente mais feliz?

R) _____

5. Alguma vez você já se sentiu triste ou sozinho(a) aqui na Casa Família? Pode me contar sobre isso?

R) _____

6. Como você se sente quando precisa compartilhar suas coisas com os outros crianças?

R) _____

7. Você acha que é fácil fazer novos amigos aqui? Por quê?

R) _____

8. Quais são suas esperanças e sonhos para o futuro?

R) _____

9. Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua vida aqui na Casa Família?

R) _____

Anexos



Instituto Superior Humanidade Ciências e Tecnologias

= ISHCT =

Curso de Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento

Folha de Informação do Participante

Título: A Influência da Socialização no Bem-Estar de Crianças Órfãs (5-17 anos de idade) no Centro de Apoio Casa Família (2023-2024) – Cidade de Quelimane, Província da Zambézia
Investigadora Principal: Anastácia Tixeira Militar do IV ano do Curso de Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento no Instituto Superior Humanidade e Tecnologia (ISHCT).O meu endereço é Bairro Micajune.

Supervisor: Inácio Jorge Amaral

Breve descrição:A Influência da Socialização no Bem-Estar de Crianças Órfãs (5–17 anos de idade) no Centro de Apoio Casa Família (2023–2024) – Cidade de Quelimane, Província da Zambézia” tem como objetivo analisar de que forma as interações sociais, tanto com os pares quanto com os cuidadores institucionais, impactam o bem-estar subjetivo de crianças órfãs acolhidas no referido centro.

A pesquisa parte do pressuposto de que a socialização é um fator determinante para o desenvolvimento emocional, psicológico e social das crianças, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

Questão de pesquisa: De que maneira os métodos de socialização implementados influenciam as relações interpessoais e o suporte emocional oferecido às crianças órfãs na Casa Família, em Quelimane, Zambézia?

✓ **Riscos:** na participação do estudo poderá envolver poucos riscos, como desconforto ou exposição devido ao objecto investigado na presente pesquisa. Diante deste cenário, o

pesquisadora, como estudante da psicologia , oferecerá um atendimento breve para lidar com tal demanda.

- ✓ **Benefícios:** aceitando participar do estudo os participantes terão oportunidade de conhecer melhor o estilo de vida se o mesmo precisar. E em caso mais grave poderão ser encaminhado para consultas de psicologia para acompanhamento e seguimento. No entanto, os resultados poderão ajudar para se desenhar estratégias de abordagem para melhorar a qualidade de vida dos idosos.
- **Confidencialidade:** as informações serão mantidas em segredo (sigilo). É garantido seu anonimato, ou seja, não terá seu nome divulgado e os resultados serão utilizados para fins académicos.

Voluntariedade: Sua participação é voluntária. Também poderá desistir da pesquisa a qualquer tempo e sem prejuízo, mesmo após assinatura do termo de consentimento livre informado e isso não irá interferir no seu Tratamento aqui no centro de apoio a velhice.

Investigadora

Quelimane ____/____/2025



Instituto Superior Humanidade Ciências e Tecnologias
= ISHCT =
Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

.....,Compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo que se pretende realizar, com o título A Influência da Socialização no Bem-Estar de Crianças Órfãs (5-17 anos de idade) no Centro de Apoio Casa Família (2023-2024) – Cidade de Quelimane, Província da Zambézia Foi-me dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive respostas satisfatórias. Tomei conhecimento de que a informação que me foi prestada vai de acordo com os objectivos e procedimentos concernentes ao estudo. Foi-me afirmado que tenho o direito de desistir de participar no estudo a qualquer momento, sem que isso possa ter qualquer efeito sancionatório. Por isso, consinto participar no estudo que me foi proposto.

Quelimane, aos _____ de _____ 2025

O (A) participante

Investigadora

Anastácia Tixeira